

A memória como estratégia poética na Literatura Negra Brasileira.

Texto completo

Selma Maria da Silva – selmaria@gmail.com

Doutoranda – UERJ/PPFH – Rio de Janeiro

Eixo temático número 8- Pesquisa, Educação, Memória e Patrimônio.

I- Introdução

A memória da cultura negra brasileira constitui-se como um dos conceitos fundamentais no projeto de tese “A Literatura Negra Brasileira lugar de memória: na obra de Geni Guimarães”, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. Denise Barata, na linha de pesquisa - *Estado e Política Pública*. Pois, nos leva a refletir, criticamente, sobre as relações sociais e políticas, na sociedade brasileira na perspectiva dos diferentes territórios e sujeitos sociais que compõem sua estrutura, como também implica, em ouvir, perceber, ler e compreender a diversidade das expressões culturais brasileiras, seus diferentes e diversos percursos históricos e políticos, na tessitura cultural brasileira.

Há nos territórios de memória cultural negra a expressão de ações de natureza diversas como: a dança, a pintura, a música, a religião, a literatura dentre outros. O projeto “A Literatura Negra Brasileira lugar de memória: na obra de Geni Guimarães”, traduz através da escrita um território, no qual temos a materialidade de uma identidade, ou melhor, de umas das identidades negras vivenciadas, no Brasil. Ao compreendermos que a invenção de ser negro, na diáspora brasileira, não esta enclausurada em uma feição única e singular, quer no passado quer no presente. Portanto, há uma multiplicidade de fazeres e modos para a construção de uma memória coletiva negra brasileira, a partir qual se constroem saberes e são criadas estratégias de luta (Barata, 2002), no interior da sociedade brasileira para o combate ao racismo e quaisquer formas de subalternização, das expressões culturais negras.

E, também no dialogo com a Literatura Negra Brasileira, pretendemos demonstrar como a escrita pode ser espaço/território da invenção de ser negro à brasileira, onde o protagonismo de homens e mulheres de ascendência africana constitui-se como a historiografia e a memória do processo histórico da inserção dos nossos antepassados africanos visível para alguns e sistematicamente invisibilizada por aqueles que insistem negar a presença de uma ação intelectual africana como também elemento fundante da sociedade brasileira. Cabe ressaltar o direcionamento desta leitura, em particular, para a autoria feminina de Geni Guimarães, por esta ser produtora de uma autobiografia temperada pela “negritude” à brasileira. Assim, podemos encaminhar nossos olhares

para pedagogia do diálogo com a diversidade étnico-racial, em prol da construção de relações sociais entre os diferentes numa perspectiva equânime e horizontal.

II – Referencial teórico.

O presente projeto examina os procedimentos estéticos e poéticos da Literatura Negra Brasileira que em diálogo com a Literatura Brasileira, evidencia particularidades estéticas da memória cultural negra sistematicamente sub-representada na Literatura Brasileira, pois há um lugar do fazer poético mediado por tensões da realidade cotidiana próxima e imediata do eu poético, produtor de narrativas em permanente diálogo com o cotidiano cultural e político, cenário onde são representadas quíslas estéticas diluidoras das especificidades e tensões vivenciadas pelos não brancos, numa sociedade racista.

A poética negra expressa e imprime no leitor elementos discursivos familiares, ressaltados por procedimentos descritivos pouco usuais, pois, há uma nova perspectiva valorativa, na qual os procedimentos éticos podem ser mensurados através dos procedimentos estéticos, ao revelar nuances de uma escritura, cujos temperos são elementos constitutivos do objeto estético em foco - as imagens de pertencimento étnico de ascendência africana.

A Literatura Negra Brasileira mistura elementos significativos de uma mesma língua escrita, no entanto, esta é particularizada pelos nossos diferentes sotaques e etnias, isto é, de uma língua portuguesa de falar brasileiro duplamente africanizado, pois o tempo da permanência e domínio dos árabes, na península Ibérica, deixou suas marcas no vocabulário, na arquitetura, na preparação de alimentos, enfim a cultura ibérica tem significativos elementos estruturais de ascendência africana, incorporados ao cotidiano dos nossos ancestrais ibéricos, portanto, a cultura brasileira foi duplamente africanizada, tanto pelos nossos ancestrais portugueses oriundos da península Ibérica, quanto pelos nossos ancestrais africanos, oriundos do processo de exploração do continente africano.

III – Objetivo.

A definição do objetivo de estudo - a Literatura Negra Brasileira - relevou a complexidade e a amplitude, em função deste fato e principalmente no intuito de garantir em termos qualitativos o processo investigativo, restringi o foco da pesquisa a autora Geni Mariano Guimarães, cuja obra traduz uma expressão literária que explicita a presença de objetiva e concreta de personagens negros como também as apreensões da realidade circundante, cenário e contexto estético de sua realização, isto é, uma poética do cotidiano temperada pela africanidade.

Há uma poética cujo foco estético é a tensão social posta para os negros, na sociedade brasileira. Há uma língua comum – a língua portuguesa, de feição local múltipla, pois são diversas as regiões brasileiras, portanto, há diferentes cenários culturais a suscitar pontos de conflito de onde

emergem as tensões sociais e culturais, provocando e aguçando olhares, a poesia do cotidiano desperta especificidades, há particularidades a serem ditas, dentre ela há Literatura Negra Brasileira.

IV- Metodologia

Os procedimentos de análise e investigação adotados têm como referência a memória. Memória esta manifesta na escrita de Geni Mariano Guimarães, pois assim pretendemos refletir sobre os e mecanismos de produção e escrita, que dão a especificidade poética de Geni Mariano Guimarães, isto é, uma autoria identificada com seu pertencimento étnico. Optamos por usar a categoria memória em consonância com as reflexões sobre o termo, no texto *Memória e identidade nacional*, de Michael Pollak, ao entender memória e identidade como:

... a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há, uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (...). Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.
(Pollak, 1992, p. 5)

A poética de Geni Mariano Guimarães expressa sua preocupação formal, de promover o diálogo entre enunciação e o enunciado. Uma escrita com cheiro, sabor e sabedoria estratégica capaz de criar um cenário, cujos protagonistas vivenciam tensões cotidianas impregnadas pelo imaginário racializado da democracia brasileira. Portanto, é nesta escrita de uma autora identificada com os anseios e desejos, particular de pertencimento étnico e de gênero, que podemos caracterizar com poética do cotidiano de inspiração étnico feminista, com orgulho de sua totalidade, o poema “Integridade”, corrobora esta análise:

*Ser negra.
Na integridade
Calma e morna dos dias*

*Ser negra,
De negras mãos,
De negras mamas,
de negra alma.*

*Ser negra, negra.
Puro Afro sangue negro
Saindo aos jorros por todos os poros. (Proença, 2004, p. 21)*

A estratégia metodológica propõe-se a destacar dois aspectos conceituais relativos a categoria africanizada, em diálogo como os modos de representação dos africanos e seus descendentes na história social e cultural brasileira, isto é, os descendentes de escravos e o outro aspecto da presença de

africanos e seus descendentes nos espaços de produção cultural e estético com destaque para “poética do cotidiano africanizada”. Aliado a estes aspectos de representação e presença social e cultural, a manifestar a reinvenção de discursos, instituindo particularidades no campo da linguagem, que transformam signos e significações, do cotidiano local, por conseguinte a existência de uma poética do cotidiano africanizada.

Neste sentido, optando pela literatura como instrumento para nossa reflexão temos como objetivo a construção de um discurso crítico capaz de instaurar uma dinâmica que reveja a infraestrutura ideológica de discursos teóricos que têm por base teorias racistas e etnocêntricas muito difundidas pela literatura denominada de universal.

V – Desenvolvimento

As questões éticas e estéticas fundamentam a investigação científica do fenômeno literário denominado Literatura Negra Brasileira, quando há o desmontar de procedimentos de análise preconceituosos, racista e discriminatória. A releitura do lugar da cultura africana no cerne na cultura brasileira é urgente, pois foi dada aos africanos e seus descendentes, uma única possibilidade de leitura, esta direcionada para o lugar do exótico, o que leva ao estereótipo das expressões culturais de ascendência africana.

Porém, contrariando estas qualificações e frente ao dilema por ela proposto compreendermos, ser nossa “negritude” à brasileira, como um aspecto particularmente significativo, como também observou o geógrafo - Milton Santos – ao refletir sobre a ascendência africana, no seguinte fragmento em destaque - *A África é uma referência, mas nós não somos africanos. (...). A história na qual nos incluímos, e que vamos refazer, é história do Brasil* - (SANTOS,2000), por isso este projeto propõe-se a investigar os temas e tramas literárias que traduzem o fazer poético de Geni Mariano Guimarães.

Há um lugar do fazer poético mediado por tensões da realidade cotidiana próxima e imediata do eu poético, do sujeito produtor de narrativas em permanente diálogo com o cotidiano. A narrativa expressa elementos discursivos familiares, ressaltados por procedimentos descritivos pouco usuais, pois, há uma nova perspectiva valorativa, na qual os procedimentos éticos podem ser mensurados através dos procedimentos estéticos, a forma, as nuances, em fim, os temperos são elementos constitutivos do objeto estético em foco - as imagens de pertencimento étnico de ascendência africana. Há nos elementos da tessitura narrativa, aspectos que explicitam o lugar do enunciador do discurso, não há nesta narrativa a mulatice escamoteadora dos enunciados.

A escritura transvestida pela fala particular de seus enunciadores promove o dialogo despido de "não me toques". Dialogam, assim, de forma dinâmica o pertencimento étnico e o fazer estético, produzindo uma poética particular, pois identificada com suas memórias.

A nossa discussão e reflexão tem como referências algumas questões que marcaram os estudos científicos e literários durante séculos, destacando a noção de etnocentrismo, buscando fazer dela uma revisão crítica, especialmente no que diz respeito ao tratamento dado à presença da cultura africana na literatura produzida no Brasil.

Com relação às questões étnicas, passando-se rapidamente em revista as posições que historicamente marcaram o pensamento das ciências, verifica-se que a visão etnocêntrica, identificada com a cultura européia e seus grupos étnicos dominantes, vigorou durante muitos séculos - e ainda hoje apresenta suas marcas - colocando como referência central um modelo de homem europeu com suas ideias, suas linguagens, e suas práticas culturais dominantes e, a partir desse modelo, recusando ou desvalorizando de maneira evidente, outras linguagens, outras ideias, outras práticas sociais diferentes daquelas que compõem seu paradigma.

Nesse sentido, por longo tempo, o etnocentrismo foi o grande fundamento científico a definir as éticas e estéticas dominantes dos primeiros períodos do colonialismo europeu: quadros de valores extraídos de situações restritas foram passados como sendo indicações “universais”, contribuindo para definir como “naturais” certas noções de “bem” e de “belo”, derivadas de representações válidas no interior de um grupo, mas não, obrigatoriamente, válidas para todo e qualquer indivíduo humano.

Assim, durante os séculos XVI a XVIII, no período em que os europeus entraram e intensificaram seus contatos com grupos humanos bastante diferentes de si, com base em argumentos unilaterais e preconceituosos, foram efetuadas as leituras e as interpretações sobre as novas terras descobertas e as suas civilizações e culturas. É bem verdade, e isso deve ser apontado, que o encontro com culturas diferentes sempre foi marcado por atitudes de estranhamento que, não raro, se traduziam em desqualificação do outro, como um ser não só diferente como também inferior, sendo também a denominação fortemente pejorativa de “bárbara”.

É no bojo das questões racistas relacionadas a essas teorizações que nasce o conceito de “democracia racial”, no Brasil, conceito que exerceu influência muito ampla no âmbito da vida cultural do país, sendo de nosso interesse destacar questões que o relacionam à avaliação e legitimação de autores e obras literárias. Críticos literários como Sílvio Romero, cuja obra é publicada entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, difundiram a ideia da miscigenação como uma “colaboração” entre três raças, embora nessa “colaboração” as participações não sejam avaliadas como equivalentes pelo discurso do crítico: o papel da raça branca européia e de sua cultura é apresentado como superior e capaz de produzir uma “purificação” das outras duas etnias, o negro e o índio, consideradas inferiores.

Poetas do movimento modernista como Cassiano Ricardo, comprometidos com valores semelhantes aos de Romero, representam de forma folclorizada em seus textos, como por exemplo, em *Martin Cererê*, a miscigenação étnica, com marcas de valorização que contribuem para invisibilização

do negro e uma leitura exótica do índio. Portanto, estamos diante de uma forma de explicar nosso processo de miscigenação “positivamente”, frente à negação, ou melhor, a rejeição de quaisquer que fossem as formas de mistura, entendidas como perversão das espécies envolvidas, conforme apregoavam as teorias raciais preconizadoras da conservação das raças em estado “puro”.

Assim, nasce a teoria da miscigenação positiva - a democracia racial - que nos “elevaria”, no Brasil precisamente, à categoria de uma etnia superior, pois o sangue africano e conseqüentemente sua cultura estavam sob a influência da cultura branca européia, isto é, por um processo de purificação ou filtragem, os aspectos inferiores estariam sendo suprimidos das culturas “incorporadas” por aquela que seria a superior, branca européia.

Desde suas matrizes colonialistas e por séculos a fio, a busca de uma tábua de valores universal e válida para toda a humanidade é uma constante. Esta tendência atravessa o pensamento religioso, o científico e o político por muito tempo. A busca da eliminação das diferenças é um paradigma. Silviano Santiago trata desta questão em seu estudo “O entre lugar do discurso latino-americano”, destacando as razões colonialistas para a eliminação das diferenças: “Evitar o bilingüismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, o verdadeiro Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua”.

A universalidade ou bem é um jogo colonizador, em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização, através da imposição da história européia como história universal, ou bem é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques das ações de dominação e das reações de dominados.

A verdade da universalidade colonizadora e etnocêntrica está na metrópole, não há dúvida; a verdade da universalidade diferencial, como estamos vendo com a ajuda da Antropologia, está nas culturas periféricas. Paradoxalmente.

Nas culturas periféricas, aliás, os textos colonizados operam com brio a síntese enciclopédica da cultura, soma generosa em que o próprio ocupado é mero apêndice insignificante e complementar do movimento geral da civilização. Nas culturas periféricas, os textos descolonizados questionam na própria fatura do produto, o seu estatuto e o estatuto do avanço cultural colonizador(Santiago, 1978).

Esta posição dos estudos influenciados por uma concepção antropológica completamente distinta do paradigma do cientificismo do século XIX recusa os princípios de um universalismo colonizador e etnocêntrico e se apóia nas noções de relativismo e alteridade, trabalhando com a diferença como critério inovador. Os trabalhos acadêmicos dedicados ao pós-colonialismo orientados

nessa perspectiva têm-se caracterizado pelo desenvolvimento de linhas de pesquisa em estudos denominados multiculturais, entre os quais se destacam em número já bastante significativo, teses e publicações que tematizam questões pertinentes às ditas “minorias”: afro-brasileiros, mulheres, homossexuais. Esses estudos têm sido realizados em diferentes campos do saber na atualidade, podendo ser identificados nos estudos da Lingüística especialmente da Sociolingüística, da História, da Literatura, da Sociologia, na análise das mais variadas modalidades de discurso e das mais diversas práticas culturais.

No campo da Literatura Brasileira, podemos dizer que a etnicidade literária ganha corpo, mesmo que de forma incipiente, no Romantismo, quando os elementos locais “naturais” são registrados nos escritos, embora que na maioria das vezes personagens e situações apareçam de forma estereotipada, como é o caso do índio na prosa de Alencar e na poesia de Gonçalves Dias e do negro na poesia de Castro Alves e na prosa de Bernardo Guimarães. As influências culturais dos negros e índios dão colorido local às obras literárias de então, sem, no entanto, perderem a característica do exótico e do pitoresco.

Com o Modernismo os escritos assumirão de forma mais explícita que o processo de aculturação não é um caminho de mão única. Em suas construções esse movimento instituirá um divisor de águas entre duas brasilidades, uma folclórica, onde a representação da miscigenação não representou o fim do silêncio das culturas negras e indígenas, e outra que poderíamos chamar, parafrazeando Silviano Santiago, de brasilidade diferencial, onde negros e índios passam a efetuar o registro escrito de suas existências e história. Esses dois registros, em que pesem suas grandes diferenças, ainda podem ser observados na tensão constitutiva dos discursos que buscam existir como parte da cultura e da literatura brasileiras.

A vertente folclórica, na verdade, tem sido útil para aqueles que querem manter silenciadas as vozes dos diferentes, e é contra isso que se insurgem publicações alternativas, mantidas com recursos dos próprios autores sob o sistema de cooperativas, assim representando o ponto-de-vista da outra vertente, como é o caso dos *Cadernos Negros*, da editora Quilombhoje, que há aproximadamente trinta e dois anos vem transformando em fato (por estar escrito), a história dos negros brasileiros em sua própria voz, resistindo às tentativas dominantes de “embranquecimento” da Cultura e da Literatura, dando sentidos concretos à recomendação de David Brookshaw de que “é preciso enegrecer a literatura brasileira”.

VI – Conclusões preliminares.

Há na escritura poética de uma memória particular em permanente dialogo com coletividade onde esta escrita se insere, a língua portuguesa de feição brasileira, a matéria e o objeto estético promovem inquietações, seduz e subvertem signos cristalizados, as linhas não são delimitadas.

Há nas entrelinhas, o inconformismo da sujeição, esta língua manifesta significações pluri étnicas, pois não existem proprietários da língua. Ela, a língua, pertence a todos de diferentes formas e nuances, e na escrita de Geni Mariano Guimarães, encontramos vários argumentos significativos para esse lugar de criação poética.

Os estereótipos não são frutos apenas de um saber inculto e não sistematizado cientificamente, eles são produções discursivas ideologicamente comprometidas que ora podem ter uma postura agressiva e cruel em sua concretização na realidade, ora se travestem de uma postura “tolerante”. Estas duas formas de realização buscam manter intocável uma identidade lida no passado como superior e, por isso, capaz de ser tolerante com as demais. Cabem então, frente a este fenômeno duas atitudes: aceitar passivamente, ou reagir de forma crítica e contundente.

A perspectiva de uma africanidade discursiva é uma reação, às teorizações literárias e científicas, que:

Construíram no Brasil, livros sobre livros, a réplica da peste européia que propalou a patologia do branco superior. Esse dejetos cai em cima da gente desde a infância, em suas formas mais sutis. Uma verdadeira dopagem da consciência de todos os brasileiros. Assim a imagem de nós negros, na maior parte da literatura brasileira, está feita segundo os cânones racistas do século XIX, que negavam a nós as características essencialmente humanas. A influência da literatura em geral sobre o literato negro exigirá resistência. A imagem do negro-pai-joão-vagabundo-preguiçoso-fedorento-inferior exige resposta (Cuti et al, 1985).

Ao enegrecer o falar os escritores afro-brasileiros estabelecem, assim, com a cultura brasileira como um todo, mais do que um resgate de um passado de opressão, estabelece um diálogo com os momentos históricos e os conceitos tanto do passado quanto do presente africanizado.

VII – Referências

Adichie, Chimamand. The Danger of a Single Story. TED Talk. 2007. In: www.ted.com/talks/lang/ptbr/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html, acessado em 2012.

CADERNOS NEGROS: vários números/ organizador Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1978/2010.

Campos, Maria Consuelo Cunha. Escrita e militância: a escritora negra e o movimento negro brasileiro. In: www.historia.uff.br/nec/textos, acessado em setembro de 2008.

Bakhtin, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes,

1997.

Barata, Denise. www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP13BARATA.pdf, acessado em 2012.

Gondar, Jô. Quatro proposições sobre a memória social. In: O que é memória social? Rio de Janeiro: Contracapa/PPGMS, 2005.

Guimarães, Geni. Leite de peito - contos, Fundação Nestlé de Cultura, 1988.

Hutcheon, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Lima, Maria Nazaré e Souza, Florentina. Literatura afro-brasileira. Centro de estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

Luz, Marco Aurélio de Oliveira. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador: Centro editorial e Didático da UFBA/ Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 1995.

Quilombhoje e Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo, Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira, 1985.

Peralta, Elsa. Abordagens ao estudo da memória social: uma resenha crítica. In:

[www.academia.edu/917013/Abordagens Teoricas ao Estudo da Memoria](http://www.academia.edu/917013/Abordagens_Teoricas_ao_Estudo_da_Memoria)

Proença Filho, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: www.scielo.br/scielo.php, acessado em novembro de 2006.

Santiago, Silviano, A cor da pele. In: www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/16/adaocritica03.pdf, acessado em 2008.

Santos, Milton. “As exclusões da globalização: pobres e negros” In: FERREIRA, Antônio Mário (org.). Na própria pele: os negros no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CORAG/ Secretaria de Estado da Cultura, 2000.

Silva, Luiz. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: www.luizcuti.silva.nom.br, acessado em agosto de 2008.

Silva, Selma Maria da. Africanidade à brasileira: considerações sobre o lugar de uma poética de ascendência africana na literatura brasileira. 1997. 58 f. Monografia (Especialização em Educação) – Faculdade de Educação/PENESB, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

_____. Literatura Brasileira na perspectiva da africanidade. In: Gonçalves, Maria Alice Rezende (org.). *Educação, cultura e literatura afro-brasileira: contribuições para a discussão da questão racial na escola- 2*. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB- UERJ, 2007.

Souza, Florentina da Silva. Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. Belo

Horizonte: Autêntica, 2005.

Stuart, Hall. A identidade cultural na pós-modernidade. 9ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.